



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Fevereiro de 2000 • Ano LVI - N.º 1459
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Cantinho dos Padres da Rua

CARÍSSIMO Padre Acílio.

Se tu sentes necessidade de uma Mãe para os teus rapazes, aqui no Calvário temos igualmente precisão de uma Avó, de uma Mãe ou de uma Irmã para acolher estes doentes.

Aí, é a preparação do futuro que está em causa; aqui, é o presente que exige resposta, porque a maioria dos doentes está dependente de outrem nas suas necessidades vitais.

Ambos estamos à espera de alguém que se disponha a vir; de que a Igreja dê frutos de disponibilidade. Mas a Igreja, a que pertencemos, hoje já não dá frutos destes. Anda pouco exigente com os seus membros. Tem medo de lhes pedir tudo e por isso recebe pouco.

À maneira de Cristo nós somos radicais, querendo a vida de alguém, desejando tornar feliz alguém que se dê totalmente aos outros.

A Igreja habituou os seus membros a darem algumas coisas, algum tempo. E os frutos estão à vista. O bem estar acomodou também os cristãos. E estes tornaram-se individualistas, calculistas, pensando demasiadamente neles próprios e esquecendo os demais. Entraram na lógica do mundo e

esqueceram a lógica da fé e do amor total. Mas se a Igreja não vai pela lógica de Cristo fica-se pelo caminho e não chega a termo certo na sua caminhada temporal.

Por isso temos que continuar a pedir radicalismo, teimosamente, para sermos coerentes.

No verão passado senhoras aflitas informaram-me que um senhora idosa, doente acamada, vivia só em extrema pobreza, nos arredores do Porto. Pediram-me ajuda, pois ela não tinha posses para ser recolhida num Lar. Pedilhes que aguardassem mais algum tempo.

Ontem telefonaram-me, dizendo que a senhora falecera. Esta aguardou meio ano e não esperou mais.

Nós não a recebemos, porque não tínhamos quem dela cuidasse.

A responsabilidade desta morte em pobreza é de todos nós. Mas uma Igreja, incapaz de dar a mão a quem a suplica aflitivamente, também Ela vive em grande pobreza.

Com um abraço fraterno, comungando a tua aflição.

Padre Baptista



Um grupo de doentes no relvado junto à capela do Calvário

«HOJE, se ouvirdes a voz do Senhor não fecheis o vosso coração.» É o refrão do salmo desta Missa do Quarto Domingo Comum.

Fiquei a pensar na forma como a palavra divina se nos dirige: *não fecheis o vosso coração.*

Poderia exprimir-se; não fecheis a vossa inteligência, ou a vossa vontade, ou ainda os vossos ouvidos. Mas não. Vai direitinha ao alvo, isto é, ao motor de todas as decisões — ao coração.

Ontem estive com dois presos saídos da cadeia. O que os homens me comunicaram em desabafo atingiu-me no

SETÚBAL

Não feches o coração

mais profundo de mim próprio. A inteligência também discerne. A gente também aclara e aconselha, mas o que nos move é o coração. Dor com dor. Necessidade com comunhão na necessidade. Esperança em dias melhores. Luz que alumia quem acolhe e é acolhido. Corações que se confortam.

Na minha necessidade premente de uma Mãe para o

Lar de Setúbal também eu quero falar ao coração de *alguma mulher* a quem o Espírito do Senhor vai falando, inquietando, fazendo tremer e estremecer...

Não feches o coração! Não raciocines muito, nem te ponhas com grandes cálculos. Deixa as redes em que te emaranhas, nem que elas valham o mundo todo! Deixa os barcos e os pais.

Encontra-te com Aquele que sofre nos meus rapazes, à deriva neste mundo desorientado e desorientador e vem com o teu coração maternal.

Há mais de quatro décadas que me dei a Este Senhor e, se alguma vez passei fome e frio, já me esqueci. Nunca me faltaram médicos, remédios, hospitais, os melhores e mais amigos especialistas de todas as doenças! Pessoalmente nunca me faltou nada!... Daí que me insurja contra os cálculos!... O dia de amanhã!... As dificuldades!... Os apoios.

Não te posso aqui confessar os meus pecados, mas o que te asseguro é que nunca me faltou a Misericórdia Divina e o alento é cada vez mais vigoroso!...

Meninos com 13 anos, rapazes com 14, 15, 16, 17 e 18 anos!... Gente a precisar tanto de dar contas a Quem não quer contar consigo mas com Eles.

Continua na página 3

O nosso «Depósito» no Porto

Esta uma boa notícia que vos damos, muito sucinta mas em realce, para conhecimento rápido dos portuenses: Conforme à nossa esperança de que acontecesse, o Espelho da Moda, que fechou na segunda-feira, 31 de Janeiro, passa o «facho» da Obra da Rua à CASA DINA, estabelecimento de louças e utilidades, na Rua da Conceição, 100 — 4050-214 PORTO.

O «eixo Gaiato» desloca-se dos Clérigos para Cedofeita. Continua, pois, no velho-Centro da Cidade e ao alcance de muitos. Graças a Deus!

Necessidade de sangue novo

EM consonância aos apelos de Padre Acílio a uma Mãe para o Lar de Setúbal e ao desabafo de Padre Baptista que hoje se publica — e porque, na verdade, a grande necessidade (apetecia, até, dizer: a única!) é de sangue novo, vivo, a todos os níveis e em todas as áreas em que a Obra da Rua serve — surge mais este recado a motivar-me:

«Irmãzinhas de Jesus
S. Romão — Seia

Venho agradecer o envio d'O GAIATO que muito apreciamos. Mas, como vamos ficar aqui por pouco tempo por falta de vocações, agradecemos o favor de susponder o envio.

Com os nossos melhores cumprimentos e o desejo de que a vossa Obra continue a florescer e a expandir-se.»

As nossas Beiras foram muito tempo férteis em vocações de consagração. Mui-

tas Congregações Religiosas, as Dioceses do sul do País... que o digam. Certamente nessa expectativa, as Irmãzinhas do Padre Carlos de Foucauld ali estabeleceram uma comunidade que agora vai fechar «por falta de vocações».

Se olharmos o panorama das «Criaditas dos Pobres» — é assustador. Se visitarmos um Lar das «Irmãzinhas dos Pobres» — quantas jovens, e portuguesas!, lá encontramos?... Falo destas com quem convivemos mais de perto.

De nós próprios, sabem-no, ou ficam a saber agora, os nossos Leitores: Se um dos nossos padres em África faltasse (e nenhum está no vigor da idade!), imediatamente, não tínhamos quem o substituisse.

É misterioso (para não dizer escandaloso!) que numa Igreja que assumiu na Sua tradição bi-milenária, «o cuidado dos

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

EVANGELHO DA CARIDADE — Retalhos de uma alocução do Santo Padre, na Praça de S. Pedro, dirigida ao voluntariado cristão:

«(...) À imagem do bom samaritano, cuidais de quantos estão em dificuldade e dedicais aos Pobres tempo e energias. De facto, sois precisamente o bom samaritano de quem fala o Evangelho, o ícone do voluntário que se faz próximo do próprio irmão necessitado.

(...) Qual o contributo específico que os cristãos são chamados a oferecer? À luz dos ensinamentos evangélicos, devem testemunhar em todos os lugares e com todos os meios específicos o supremo Mandamento do Amor. Amar a Deus e ao Próximo: eis a vocação e a missão do crente. O amor para com os irmãos deriva do amor de Deus.

Quando permanece fiel ao mandato e ao exemplo de Jesus, a acção caritativa do cristão torna-se anúncio e o testemunho de Cristo que dá a Sua Vida, purifica o coração do homem, cura-lhe as feridas causadas pelo ódio e pelo pecado, traz a todos a alegria e a paz.

O universo do voluntariado, que reúne pessoas de todos os estratos sociais e de vários segmentos culturais e religiosos aguarda que os crentes ofereçam o seu contributo específico. Se eles não advertirem esta exigência apostólica, correm o risco de faltarem à sua própria missão evangelizadora, de ser 'sal da terra' e 'luz do mundo'.

Em vossa acção inspirai-vos no Evangelho. Recebestes o dom da caridade: estais conscientes de ser testemunhas e dispensadores deste dom. A vossa missão jamais deve reduzir-se ao papel de simples agentes sociais.

O Evangelho da Caridade é a grande profecia dos tempos actuais. É a linguagem da evangelização mais imediatamente perceptível também por aqueles que ainda não conhecem Cristo. Ele mesmo está presente no irmão necessitado. É Ele que no-lo garante com Sua preciosa afirmação: 'Todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a Mim que o fizestes'.

Digo-vos em nome da Igreja: mostrai ao homem do nosso tempo Cristo, morto e ressuscitado pela Salvação de cada ser humano, sem distinção de raça e de cultura! Ele é a esperança que brilha no horizonte da Humanidade.»

PARTILHA — Porto: a assinante 15230 pôs as contas d'O GAIATO em ordem «e o restante aplicarão no que fizer mais falta na Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Desculpem ser pouco, mas é do fundo do coração e seja por

alma de meus pais. Sempre gostámos muito de ler o Famoso e pedimos ao Senhor que nunca vos desampare nessa luta ardorosa em prol dos mais necessitados».

Assinante 30735: «A partir de Gouveia vos saúdo em união com Cristo Jesus, nascido em Belém. E mando um cheque, de cinco mil escudos, pequena lembrança destinada ao que for mais necessário. Faço votos para que o ano 2000 traga paz e justiça tão necessárias ao mundo actual».

Outra vez, Porto: Cinquenta mil, da assinante 4456, «para os vossos Pobres, e o Ano Novo seja, para todos vós, um crescimento em profundidade espiritual». Amor cristão!

Braga: Recebemos um cheque, «de um anónimo, com 7.000\$00 para os remédios» — dos nossos Pobres!

Mais, do Porto: A assinante 30810, salda contas d'O GAIATO e, «caso estejam de acordo, seria para a Conferência de Paço de Sousa, ficando à vossa vontade o destino a dar-lhe».

Agora, temos «a partilha de Setembro e Outubro/99, de 'uma assinante de Paço de Arcos', com as «habituais saudações fraternas e muita amizade» — que retribuimos na mesma proporção.

Assinante 14493, da Capital do Norte: «Pede desculpa pelo cartão familiar, envia um cheque para O GAIATO e, também, uma contribuição destinada à vossa Conferência Vicentina».

Mais um cheque, de mil, pela mão da assinante 45788, da Murtosa. Por vale do correio, dez mil, da assinante 24205, do Carregado. Outro cheque, partilhado, do casal-assinante 35805, de Lisboa. Ainda mais um, do assinante 19148, da Invicta, «para assinalar, em júbilo, este Ano Santo. Lembrança de pouco mérito, pois é daquilo que me sobeja... Poderá ser para tapar os tais 'buracos' da vossa sempre aflitiva farmácia.» De facto, temos alguns casos muito onerosos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

HORTA — Os encarregados da horta semearam nabiça, na estufa. E alface, também. Já estão a crescer.

A horta está a ficar bonita!

OBRAS — Os trolhas continuam a fazer obras necessárias à conservação da nossa Aldeia. Agora, pintam a caixilharia da casa 2. E, entretanto, acabam a chaminé do bar.

A nossa Aldeia é muito grande! E tem um piquete, sempre activo, nestes serviços.

LAVOURA — Os que trabalham no campo podam, agora, as videiras. E a lenha delas é emolhada e posta no tractor para aquecer a água dos balneários, etc.

FUTEBOL — Os rapazes maiores, no sábado, dia 29 de Janeiro, jogaram com a equipa do F. C. Paço de Sousa. Ganhámos por 4-2, mas poderia ser muito melhor...

Os mais pequenos jogaram com a equipa de juniores do Penafiel e venceram por 5-4. Também poderia ser melhor!

Francisco David

VACARIA — Na vigília de 31 de Janeiro nasceram dois vitelos. Infelizmente, um deles acabou por falecer. Estes quadros da vida animal interessam, muito, à comunidade.

DESPORTO — Pedimos, mais uma vez, aos Leitores, o favor de nos oferecerem equipamentos desportivos (sobretudo os grandes e pequenos clubes de futebol). Roupas que já não sejam utilizadas em treinos e em campeonatos. Agradecemos em nome do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato.

«Melão»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quando, há dias, bebia da sabedoria do nosso Pai Américo, no livro *O Barredo*, deparei com um desabafo seu, que dizia: «O erro, a meu ver, é tomar o homem por sucata e deitá-lo fora se ele não presta». De facto, infelizmente, assim é, ainda hoje!

Dos Pobres que a nossa Conferência visita, temos alguns que confirmam este desabafo. Uma delas tem vinte e tantos anos. Drogou-se, prostituiu-se e é portadora do vírus HIV positivo. Quantas vezes deu entrada no hospital? Outras tantas, posta na rua! Porque sucata, como diz Pai Américo. Não interessa se vai contaminar outros. Não interessa se as estatísticas dos infectados, dizem que estão a aumentar. Não seria melhor que esta jovem fosse encaminhada para uma instituição própria, para que não venha a contaminar outros?! A nossa Conferência lá a vai apoiando, e atendendo às suas necessidades para tentar tirá-la da prostituição. Recordo que, em nossa última reunião, a colega que a visita, dizia: «Fulana fez anos e pediu-me umas botas». Claro, foi atendida no pedido! Quantas dores de cabeça nos tem dado! Mas lá a vamos apoiando, embora sempre contando com a vossa ajuda. E tudo isto, porque sucata.

Outro caso: É uma senhora, toda ela um poço de doenças. Em tempos, foi ao médico, oftalmologista, que receitou uns óculos. Como não tinha dinheiro, veio ter connosco. Encaminhámo-la para a assistente social da sua área. Andou mais

RETALHOS DE VIDA

«Toupeira»

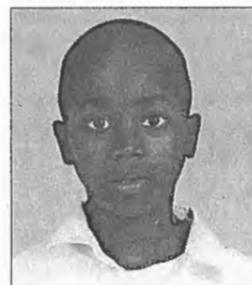
Eu sou o António Pedro dos Santos Silva, mais conhecido por «Toupeira».

Nasci em 9 de Novembro de 1990 no concelho de Vila Franca de Xira. E fui baptizado em Rio Tinto, no dia 25 de Dezembro de 1991.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque só ela podia tratar de mim. A minha mãe abandonou-nos!

Gosto muito da nossa vida aqui, porque, lá em casa, também ajudava o meu pai.

Quando for grande quero ser padeiro para vender pão.



António Pedro

de um ano às voltas, de um lado para outro. Tantas foram as histórias que contou, que os vicentinos(as) já não acreditavam. Há pouco tempo, a senhora foi à assistente social da sua área, para tentar ver se se conseguia uma casa decente, pois, onde vive, é um quarto onde dorme, cozinha e casa de banho; enfim, tudo! Falaram no problema dos óculos. Foi procurado o respectivo processo, e, para nosso espanto, já tinha sido autorizado, inclusivé o pagamento. Porque não se avisou a senhora no devido tempo? Porque sucata. Agora, voltando ao princípio: Nova ida ao médico, etc. Mas, desta vez, prometemos acompanhar a senhora até ao fim. É triste que estes casos ainda se verifiquem, em pleno século XXI... Mas, infelizmente, é verdade.

Na última vez que escrevemos para o *Famoso*, dávamos conta duma preocupação: como iria ser o Natal dos nossos Pobres? Graças a Deus e às vossas ajudas, os Pobres tiveram umas festas idênticas aos mais anos. Não faltou o «fiel amigo», o azeite, as nozes, a aletria e, até, alguns brinquedos! A propósito de brinquedos: queremos dar conta da alegria de um Pobre de vinte e tal anos, mas atrasado mental. Quando chegámos a sua casa, foi o primeiro a abrir o saco que levávamos. Claro, quis desfazer o embrulho, para ficar a saber qual seria o brinquedo. Satisfeita a sua curiosidade e como a mãe lhe ralhou, tornou a embrulhá-lo e foi pô-lo no presépio da casa. Todo ele era alegria e satisfação. Estes momentos também enchem os nossos corações de alegria. É caso para dizer: «Peço que vivas não daquilo que recebes, mas daquilo que dás, pois isso engrandece-te». E engrandece a nossa alma. Apesar de tantas tristezas, também temos estes momentos que nos enchem o coração.

Pois, que possamos todos dizer: «Não consigo imaginar melhor admiração a Deus de que trabalhar em Seu Nome para os Pobres, com os Pobres».

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — De M.M.: a costurada presença de dez mil escudos. Sérgio, do Porto, cheque de cinquenta mil escudos.

O nosso muito obrigado. E Pai Américo interceda junto do Pai do Céu, por todos vós.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 65.300 exemplares.

MIRANDA DO CORVO

APROVEITAMENTO ESCOLAR — O segundo período já começou. Os rapazes do Lar de Coimbra e os de Miranda do Corvo querem esquecer alguns resultados menos bons que obtiveram no primeiro período e tentam melhorar, neste que já está a decorrer. Terão que dar o seu melhor para chegarem ao fim contentes com os resultados e seguirem em frente.

NATAL — Como sempre, é passado entre nós. Convivemos uns com os outros. Tivemos um dia muito feliz com prendas e, sobretudo, a amizade que cada um tem pelos seus companheiros.

A passagem de Ano também foi muito alegre, em nossa Casa.

CARAS NOVAS — No dia 10 de Janeiro recebemos mais quatro caras novas. São irmãos e vieram juntar-se à grande Família que somos. Um chama-se Tiago. Outro Filipe. Outro, ainda, Fábio. E o mais pequeno, de dois anos, é o Micael. Vieram de Tomar.

VISITAS — No dia 30 de Janeiro recebemos um pequeno grupo de Semide que costuma vir cá todos os anos animar a nossa Missa. Também trazem alguns donativos e mercearia. O que já é bom porque vale bem a amizade e o valor material.

Agradecemos e esperamos que nos visitem mais vezes.

Ángelo

BENGUELA

PROFESSORES DAS CASAS DO GAIATO — Nós somos o colectivo de 18 professores que trabalhamos na escola do primeiro e segundo níveis da Casa do Gaiato de Benguela (Angola).

No encontro que tivemos, surgiu-nos a ideia de criarmos uma Associação de Professores da Casa do Gaiato — Obra da Rua. Queremos estender o nosso pensamento a todos os colegas que trabalham nas Casas do Gaiato espalhadas por Angola, Moçambique e Portugal.

OBJECTIVO — Criar bases sólidas e unias aos conteúdos científico-pedagógicos.

— Troca de experiências no campo docente educativo.

— Abertura de correspondência entre nós e vós nos mais variados pedaços e fragmentos profissionais.

— Abertura das nossas mãos para melhor servirmos o nosso gaiato.

— A partir da língua que nos sustenta, queremos encontrar métodos que nos levem a conduzir o rebanho a bom pasto, embora o nível de vida não seja igual em todos os países.

— Acima de tudo a preservação e manutenção do património cultural de que é factor a Língua Portuguesa herdada por nós da presença de Portugal em Angola durante quase cinco séculos.

DESEJO — Esperamos que o nosso apelo vos chegue e, como certeza, nos digam uma palavrinha, na esperança de bons êxitos no final do ano lectivo.

Os professores da Escola da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Somos ponto de encontro

O Amigo, do mundo do petróleo, veio conforme havia prometido. Outros amigos acompanharam-no. Primeiro, sentámo-nos a conversar, na sala da biblioteca. Um ou outro conhecia a nossa Casa, de ouvido. Estava muito interessado em explicar-lhes quem somos pelo bem que podia advir para eles e para os Pobres. A Obra da Rua tem sido o ponto de encontro dos que têm mais com os que pouco ou nada têm. Ouviram e viram o que quiseram. Passaram pela cozinha e pelo refeitório, à hora do almoço. Que virá

depois? Há um abismo enorme entre a riqueza do petróleo e a miséria da gente. É preciso que diminua. Se a Casa do Gaiato puder ser um canal ao serviço da Justiça Social, estará no seu lugar. É preciso canalizar as riquezas da terra para os senhores da terra: o Povo.

A tendência do capital é ser mercenário. De tal maneira assim é, que o dom gratuito considera-se perda, onde falta a cultura da partilha. O capital não pode ficar indiferente diante dos gravíssimos problemas sociais, especialmente quando a pobreza e a miséria vivem ao lado das largas fon-

tes de riqueza. Também o capital há-de empenhar-se e esforçar-se numa sociedade mais justa. A sociedade angolana tem direito ao benefício substancial das riquezas da sua terra.

Ando, muitas vezes, pelo hospital central. Os doentes são nossos e, também, de fora. Quem dera que parte da riqueza de Angola fosse investida, já, neste hospital e noutros! Grande parte dos doentes morre por falta de assistência. Para muitos deixou de ser o lugar da esperança.

Estamos a dar passos significativos na promoção humana de pequenos gru-

pos. É a época das matrículas escolares. Nota-se a subida do interesse pela escola de pais e mães que tinham seus filhos fora do circuito escolar. Bem sabemos que são multidão os que vão continuar fora. Queremos ajudar, entretanto, os que estão no nosso caminho. Se cada um fizer o que está ao seu alcance, os males vão diminuindo.

A fome continua a agredir, duramente, o Povo. O termómetro indicador da situação alimentar é a avalanche dos que nos batem à porta. Quando diminuem, há mais farinha de milho e mais batata. Quando aumentam, dá-se o contrário. Estamos a atravessar, de novo, uma fase mais sofrida. A escassez de farinha de milho faz aumentar o preço, a tal ponto, que é de pôr as mãos na cabeça. Agora mesmo, batem à porta. É um camionista que vem oferecer vinte e seis

toneladas de milho. Vou comprar só metade, que custa muito dinheiro. Fico aliviado, por algum tempo, graças a Deus. Tenho dito, muitas vezes, que o maior peso que levamos sobre os ombros é a sorte dos que nos rodeiam e dependem da Casa do Gaiato. Bem queríamos

não fosse assim. Quando puder olhar para eles a caminhar pelos seus próprios pés, cantarei um cântico novo. Vê-los caídos... não!

Vamos continuar de mãos dadas. É a única forma de entendermos a nossa vida.

Padre Manuel António

QUANDO SAÍMOS de Casa e nos pomos a caminho para ver as condições em que vivem muitos irmãos nossos, geralmente mal imaginamos a degradação que iremos encontrar.

A última safda foi para região montanhosa, chamados por um pároco e uma senhora empregada, com marido e quatro filhos, que sente em seu coração um apego profundo a todos que considera como irmãos, sobretudo os mais carenciados.

A primeira paragem foi já fora do povoado, em encosta íngreme e por caminho estreito de terra batida. A casa onde vivem está, ainda, parte em tijolo à vista, outra feita de muitos retalhos, compartimento exterior para quarto de banho que continua vazio, a cozinha, ao lado, cheia de coisas, e paredes muito sujas. É um casal com sete filhos, um deles com treze anos continuando à espera de escola especial que o receba. A senhora que nos acompanhava era conhecedora do viver daquela família. Dialogou com a mãe, ajudou-a a orientar a vida dos filhos e mostrou que é mãe cuidadora e amiga.

DESPEDIMOS-NOS e seguimos caminho. Deixámos o carro e dirigimo-nos a outra habitação em situação muito aflitiva: família numerosa a viver num pardiheiro antigo e sem as mínimas

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Situações difíceis



condições de habitação; mas, lá têm vivido sempre e continuado a viver. O pai construiu as paredes ao lado, não foi capaz de continuar as obras e continua à espera de quem o ajude. O lugar onde habitam é no fundo e não se vê rasto de lá chegar. Atendeu uma das filhas, envergonhada, a indicar o lugar onde vivem e desejosa de que o pai possa tornar habitável a casa que levantou com muito esforço e, agora, é o encanto desejado da sua prole.

Saímos dali ainda mais

amargurados e seguimos para longa distância. A senhora, que é dona e condutora do carro, ia parando pelo caminho a inteirar-se das situações que a afligem, às quais sente obrigação de dar a mão. Muito atenta ao viver dos Outros.

ANDÁMOS MUITOS quilómetros. Parámos, de novo, junto de moradia que nos pareceu ficará muito airosa depois de acabada. Falta rebocar paredes, terminar instalação eléctrica, ligar

a luz e pedir a ligação à água pública que não passa muito distante.

O pai, que trabalhava nas obras e com as suas mãos ergueu a casa, teve um acidente e ficou paralisado. «Para ocupar o tempo vou dando umas chapadinhas de cal nas paredes, mas sinto pouquinha força e tenho de parar. Estou à espera dum subsídiozinho que me prometeram, mas não há maneira de ele chegar!»

A mãe tem um trabalho, mas é só até ao fim do ano. O filho, de dezasseis anos, é bom estudante e em todo o tempo livre trabalha nas obras com o tio, ganhando para a despesa familiar. A filhita, muito activa, frequenta a escola.

Deixámo-los e dirigimo-nos ao carro.

AINDA FIZEMOS mais encontros com pessoas aflitas, à espera de que alguém as ajude, e regressámos a Casa. Cada vez vamos sentindo mais o abandono a que são deixados os mais aflitos! Os que têm abundância pouco ou nada se incomodam. Os que se incomodam são os que pouco ou nada têm.

Padre Horácio

Setúbal

Continuação da página 1

Em cada um encontras o teu Deus! O mesmo que está no Sacrário. O mesmo que se imola e sofre na Vida e na Celebração dela com os Homens! É o mesmo Senhor. Não é outro. Que outro não existe!...

E se Ele bater à tua porta és feliz!... Mais serás se Lhe não fechares o coração!

A vocação maternal está na natureza normal de toda a mulher normal, mas a maternidade do coração, como é o caso das senhoras da Casa do Gaiato, ultrapassa

toda a natureza e inclui-se no sobrenatural, no divino!

À semelhança de Nossa Senhora, também elas, virgens e mães, adoram o Deus que lhes nasce no coração e por Ele dão toda a sua vida... Os sentimentos... Os sonhos... Os afectos... As dores e incertezas, as terríveis amarguras que a vida de hoje traz!

Quando eles olham para mim, sinto um misto de medo e incerteza: — Que vai ser de ti, amanhã!...

Olha que os rapazes que tenho em Casa não podem ser entregues a técnicas. Preciso de uma Mãe!... Se és tu, não demores!... Rezo pela tua decisão e o Senhor assegura-te cem por um e a Vida Eterna!

Padre Acílio

DOCTRINA



Aurora boreal nas cercanias do Porto

TEMOS *aurora boreal* nas cercanias do Porto. O clarão vem dos lados de Paço de Sousa. É labareda da Casa do Gaiato. Não destrói; edifica. Aquece sem queimar. «O nosso Deus é fogo.» As Suas obras são, por natureza, incandescentes.

COMEÇA o pequenino Vadio a chegar ao limiar da nossa Casa. Já os temos da Granja, do Porto, de Abrantes, de Vila Real — norte a sul do País. O Júlio Mendes, de Elvas, é quem recebe. Depois do abraço cordial mostra dependências, marca lugar, dá normas, ajuda. Ele é simultaneamente cicerone e cireneu, este Júlio encantador. As perguntas fervem. A curiosidade salta: — *Eh pá, quem manda aqui?* — Somos nós. E o catraio que saiu de algures com a notícia de ir para um colégio, asilo ou reformatório — consoante o grau de ignorância de quem informa — encontra-se instalado na sua Casa, feliz.

ESTÁ precisamente aqui a nota original da Obra da Rua: O miúdo a conhecer e a sentir que está no que é seu. Uma vez formado o pequeno chefe, é ele que risca, com autoridade própria e aquiescência de todos. O Sérgio é o pai da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Pois bem; quando ele distribui o pão, ouve-se trinta e cinco vezes um silencioso «obrigado Sérgio», que tantos são os rapazes a recebê-lo. Respeito sem temor.

ONTEM apresentou-se uma mulher, de Castelo de Paiva, com um filho pela mão e outro no ventre. Traz uma saca de roupa a contar que o mais velho fique e relata de como tem o homem na cadeia há nove anos... Voltou pelo mesmo caminho e da mesma sorte: um pela mão, outro no ventre.

A Caridade não aceita o fruto do pecado. A Justiça é expressão sublime do Amor. Regressou a pecadora sem confusão nem arrependimento. Melhor sorte teve a do Evangelho por ter topado Jesus: — *Anda ver; encontrei o Messias!*

NINGUÉM dá o que não tem. Nestes casos delicados, só temos o que Deus der! Foi-se embora a pecadora sem arrependimento. Reza, que eu faço na mesma para que ela veja, desgraçada. Mulher de muitos homens nunca encontra nenhum!

JÁ temos a nossa Escola, o nosso gado, a nossa quinta e trabalhamos também nas obras de construção. O mais velho é que destina serviços. Alguns começam a formar calo... — *Olhe, mude-me de trabalho!* A gente cura-os com um sorriso como fazem as mães com saliva aos olhos do filho que cbora: «*Escuita meu menino!*» Não é a graça do sorriso nem a virtude da saliva; é o poder do Amor que faz das pedras pão e do Farrapo da rua, um Homem.

D. António

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

Moçambique

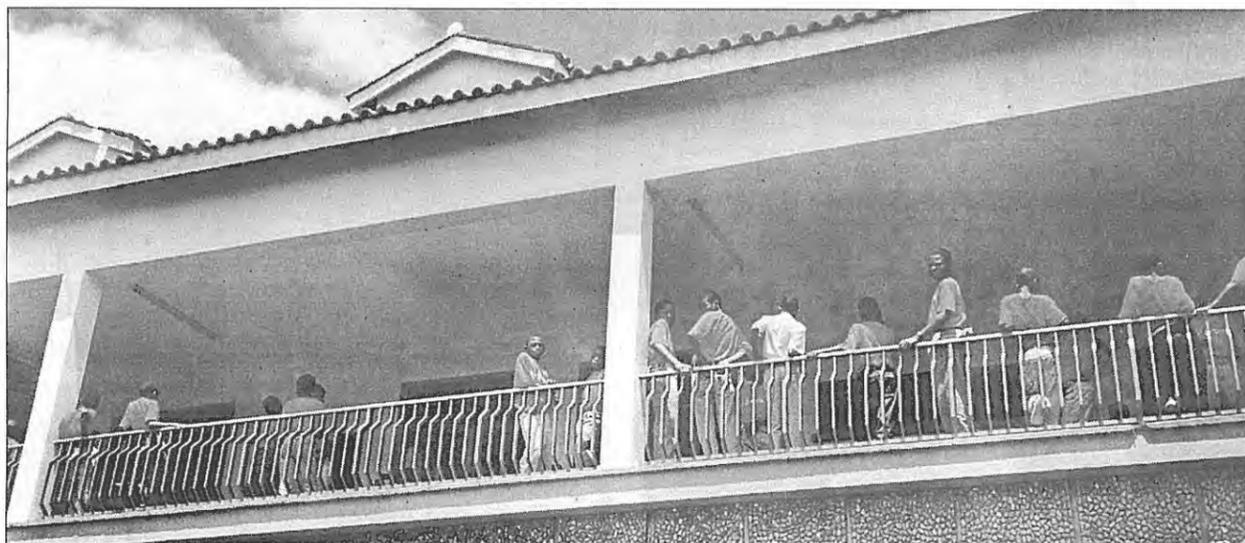
A nossa história

A nossa Capela (cujo traço publicámos na última edição) vai tomando forma. Há anos que está construída na mente e na imaginação. Não fosse toda a Aldeia um lugar para Deus e todos os nossos corações a morada que Ele mais aprecia, teria de ser a primeira construção a levantar, aqui, para alimento e afirmação da nossa Fé. Porém, chegámos numa hora de maré vazante. A guerra e a fome, por anos de seca, torturavam o corpo e a mente das pessoas. Semanas houve que os aprendizes de carpintaria da nossa Aldeia faziam doze caixões, a maior parte para crianças. Era o tempo das calamidades, nome que hoje se dá à roupa usada que ainda chega em milhares de toneladas e se tornou verdadeira calamidade para as fábricas de tecidos e confecções.

Era urgente começar pelo atendimento às necessidades vitais das pessoas, procurar meios de sustento e, a seguir, trabalho para fazer renascer a esperança na vida. Lembro o

vovô Matola, há pouco falecido, que há muito não se levantava do seu barraco e recuperou o andar. Depois foi preparado, com tempo, para o Baptismo. O sr. Chadreque não se cansava de dizer que se não tínhamos chegado naquela hora, teria morrido. Está vivo, já alquebrado pelo reumático e acolhido docemente, agora, no Lar das Irmãs dos Anciãos, uma Congregação espanhola que, em Maputo, recolhe carinhosamente os mais velhos, votados ao abandono — que esta sociedade já vai fazendo.

Nas micro-empresas e depois na construção da Aldeia trabalharam mais de duzentos operários. Intencionalmente, só da Massaca. O salário miserável de então e de agora, que sempre o tivemos como injusto, foi duplicado. E mais: consoante a aptidão foi surgindo, sobrando para nós encargos duplicados, também, de Segurança Social, apesar de atentos a qualquer necessidade não terem faltado nunca os cuidados médicos, os remédios e o salário por inteiro. A dita Segurança Social virá na velhice com dois e meio por cento do salário actual.



Varanda do refeitório da Casa do Gaiato de Moçambique

Inauguração da Creche

NA Aldeia, abre hoje a Creche com mais de quinhentos inscritos, além dos subnutridos; assistência à malária, por vezes quase duzentas pessoas por dia com outras enfermidades. Ainda se mantêm as equipas de construção de casas melhoradas, prestes a atingir as trezentas levantadas, algumas já aumentadas, outras com água e sanitário no interior. Verdade seja dita que muitos não ficaram estimulados e a melhoria de vida se resume a melhores colheitas obtidas, garantindo-lhes a alimentação, numa sobrevivência sem horizontes.

O desenvolvimento mais notório é a nível escolar. De uma só pessoa com a sexta classe em 91, são hoje trinta com a décima, mais alguns a preparar-se para cursos superiores. Mas é sintomático o desleixo pela manutenção das Escolas. Meses após o vendaval que destelhou completamente a oficina da Massaca, carteiras e material escolar continuam expostos à chuva e ao sol, a estrutura do telhado no chão, conforme caiu. Dói-nos ouvir falar de grandes investimentos, com contrapartidas importantes, mercê de baixíssimos salários, mas não poucos e até de vulto, já paralisados porque os lucros não aparecem.

O verdadeiro desenvolvimento há-de chegar

O desenvolvimento é mais um assunto de pessoas bem posicionadas, estratégias de vida farta, sem noção dos direitos humanos, alienados da justiça, cavando o fosso para separar o seu castelo da vilania. África sempre foi assim, pensarão. Mas pouco a pouco o verdadeiro desenvolvimento há-de chegar. A própria Igreja local tem a fazer a sua conversão radical à Boa Nova, dar primazia não só à pregação dos direitos humanos, mas à acção fundamental, aqui e agora, de valorizar a pessoa. Incomoda-nos, para não dizer outra palavra, que pessoas da Igreja interpretem o nosso trabalho como simples acção social e não como o caminho certo para trazer Deus ao Povo moçambicano. Nego-me a ver ao contrário.

Celebrámos o ano 2000 da vinda de Cristo. Não foi para fazer história, mas para incarnar mesmo, que Ele veio transformar o homem todo e todo o homem. Que assim seja.

Padre José Maria

Necessidade de sangue novo

Continuação da página 1

órfãos e das viúvas», «o serviço das mesas» para o qual instituiu o Diaconado; e ao longo dos séculos muitas Famílias Religiosas com esse fim específico; e que nestes tempos posteriores ao Vaticano II, tantas vezes tem proclamado a «sua opção preferencial pelos Pobres» — seja tamanha a escassez de quem mergulhe a sua vida no serviço d'Ele! Deus não perdeu a voz e, com certeza, não deixa de chamar. Será que uma profunda e pertinaz surdez se instalou e afecta os que constituem o Seu Povo e se dizem Seus fiéis?!

Isto num mundo e numa hora da História em que, apesar dos prodígios das tecnologias e das aparências de fartura, se cava progressivamente o abismo entre a riqueza cada vez mais ao dispor de menos e uma pobreza crescente em número dos flagelados por ela e na intensidade das formas com que os vai flagelando!

Os sociólogos dão a conhecer este fenómeno. As Encíclicas Sociais, denunciam-no. Apesar da doutrina de sempre para cuja urgência chamam a atenção; das propostas que sugerem para remédio — a verdade é que a Igreja, pela voz dos Papas, e não só, tem de reconhecer que o fenómeno se agrava constantemente.

No plano das ideias promovem-se acções sem conta nem medida. Ele Semanas de Estudos Sociais, ele Seminários e Colóquios, ele Congressos, ele Programas e Redes de Luta contra a Pobreza... — e ela sempre a avançar, mesmo no Norte dito rico e árbitro dos destinos da Humanidade; quanto mais no Sul onde reina a fome e a morte como nunca!

Não estará o Povo de Deus contaminado pelo vírus materialista que envenena a Sociedade Civil? Porventura, são meios o que falta para fraternizar os homens que

habitam a Terra? Ou a falta não será de pessoas que acreditem efectivamente na Paternidade de Deus e governem esses bens e os partilhem fora das dicotomias «liberalismos-socialismos» mas dentro do Evangelho, a Boa Nova da Paz que Jesus nos trouxe e nos deixou e os homens não param de desbaratar?!

Mesmo ideias e movimentos válidos que dão pelo nome de Voluntariado, e conhecem uma certa aura, na Igreja são portadores de algum risco: o de anestesiar as sensibilidades e as mentes para a necessidade indispensável à Justiça Social, à fraternização universal dos homens, de um voluntariado radical que consiste na entrega incondicional da própria vida aos que sobrevivem, para que possam simplesmente viver.

Claro que Deus não chama todos a esta radicalidade — e fica ainda muito espaço para a cooperação de outras formas voluntárias. Mas, com certeza, não deixa de chamar os indispensáveis — e, talvez, alguns destes, fundados em formas mitigadas, curtirão a sua surdez para a vocação radical...

Contava-me, há dias, um dos nossos Padres, de uma professora que lhe presta ajuda generosa e eficaz em breves períodos. Posta perante o mergulho total e perene, ela retorquiu:

— Eu formei-me para ensinar. Não acha que seria pecado enterrar o diploma?...

Pecado não era, com certeza. E talvez fosse a forma de curar de vez uma inquietação que, também com certeza, nela tem morada.

Quanto por esse mundo além, fazendo algum bem, não permanecerão inquietos só porque esse algum não é todo o bem ao seu alcance?...

Que a graça do Divino Otorrino cure a surdez de esses quantos!

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Terra Santa

TENHO ouvido, da «Terra Santa», dizer maravilhas. Eu nunca lá fui e quando penso nisso emerge, de imediato, à minha consciência, a ideia de um grande lago onde se desenrolou a vida pública de Jesus: onde Ele pregou, ensinou, escolheu, chamou... Um lago semelhante àquele onde se desenrolou parte da minha infância. É uma moldura que protejo com afecto e com razão. É uma espécie de tela intocável. Habituei-me na idade das vivências grandes e determinantes, a ver nessas margens, de gestos majestáticos e seguros, o Senhor. Sonhei com os Seus passos impressos na areia. E o que via e sonhava ia de encontro ao relato bíblico ensinado na Catequese, ou pormenorizado com grande vivacidade pelo pregador na Missa.

Terra Santa é, assim, uma espécie de santuário a partir do qual Deus chama e escolhe. Os textos dos chamamentos de Jesus são

dos mais belos do Novo Testamento. Os que envolvem o realismo do mar e da faina marítima: os pescadores, as redes, os barcos, as noitadas e as vigílias; o conhecimento das estrelas e das marés — são aqueles que os rapazes ouvem com silêncio prescrutador e eu explico com maior emoção. Como Jesus fazia do mar e dos campos em flor a mais bela cátedra das Suas lições!

Como de homens afeitos ao capricho das marés, escolhe Seus seguidores seguros! Desprovidos de predicados, sem soldo rendível, tidos por rudés em seus conhecimentos religiosos: eis os pregoeiros felizes de Suas lições. Tão longe da sinagoga ou do

pórtico dos doutores onde Ele entrava e era tido por Mestre e Senhor!

Regresso à Terra Santa do Evangelho! Regresso aos rasgos audaciosos e desprovidos de qualquer caulculismo dos Discípulos da primeira hora: «Deixa que os mortos sepulquem os seus mortos». «Vai e vende tudo o que tens.» Peregrinação santa; caminho de verdadeiro Jubileu.

Mas nós temos sempre muitas explicações; e, então, em nome da «auto-realização» pessoal, são tantas e humanamente tão bem fundamentadas que o convite do Senhor não encontra eco.

Padre João

PENSAMENTO

Quão audaciosos não são os apaixonados daquela mesma Cruz que temem!

PAI AMÉRICO